



**CADERNOS  
DE  
PESQUISA**



## **A CIÊNCIA NA OBRA O VERDADEIRO MÉTODO DE ESTUDAR DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY**

**SCIENCE AT WORK: THE TRUE METHOD OF STUDYING BY  
LUÍS ANTÓNIO VERNEY**

**LA CIENCIA EN EL “VERDADERO MÉTODO DE ESTUDIO”  
DE LUIS ANTÓNIO VERNEY**

Verônica Alves Conceição

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5481-0522>

Cristiane Magalhães Porto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5622-030X>

André Luiz Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8139-945X>

**Resumo:** O avanço no conhecimento científico transformou a própria epistemologia da ciência. A concepção positivista, segundo a qual a ciência é um conjunto de conhecimentos objetivos, universais e eternos, governado por leis imutáveis e extraído da realidade por meio de uma metodologia rigorosa tem enfrentado algumas críticas advindas, inclusive, das comunidades científicas que implicam em diferentes reconfigurações. Este estudo aborda a ciência a partir do pensamento de Luís António Verney (1713-1792) em sua obra *O Verdadeiro Método de Estudar* (1746). Objetiva analisar como a ciência é apresentada na obra elaborada por Verney como suporte para a reformulação do sistema de ensino português, no século XVIII, ao tempo em que dialoga com as concepções emergentes de ciência na Europa Oitocentista e com a tradição religiosa, católica, que marca a formação do autor. O texto se constitui como uma revisão bibliográfica de base teórica. Como resultado, constata-se que os aspectos internos da obra refletem os contextos socioeconômico e cultural da Europa alinhados à formação religiosa de Verney. Conclui-se que o desenho de educação pensada para Portugal nasce da coexistência entre filosofia, ciência e religião.

**Palavras-chave:** Modernidade. Iluminismo. Verney. Ciência.

**Abstract:** The advance in scientific knowledge transformed the epistemology of science itself. The positivist conception, according to which science is a number of objective, universal and eternal knowledge, run by immutable laws and extracted from reality by way of a precision methodology, has confronted some criticisms from scientific communities which involve different reconfigurations. This study approaches science from the thought of Luís António Verney (1713-1792) in his work “The True Method of Studying” (1746). The text is to analyze how science is presented in Verney’s work as a support for the reformulation of the Portuguese education system in the 18th century, at the same time as it dialogues with the emerging conceptions of science in

19th century Europe and with the Catholic religious tradition that marked the author's upbringing. The text is a bibliographical review with a theoretical basis. As a result, we see that the internal aspects of the work reflect the socioeconomic and cultural contexts of Europe, in line with Verney's religious background. It concludes that the educational project conceived for Portugal was born from the coexistence of philosophy, science, and religion.

**Keywords:** Modernity. Enlightenment. Verney. Science.

**Resumen:** El avance del conocimiento científico ha transformado la propia epistemología de la ciencia. La concepción positivista, según la cual la ciencia es un conjunto de conocimientos objetivos, universales y eternos, regidos por leyes inmutables y extraídos de la realidad a través de una metodología rigurosa se ha enfrentado a algunas críticas procedentes de las comunidades científicas que implican diferentes reconfiguraciones. Este estudio aborda la ciencia desde el punto de vista de Luís António Verney (1713-1792) en su obra *El verdadero método de estudiar* (1746). El texto se constituye como una revisión bibliográfica de base teórica. Como resultado, se constata que los aspectos internos de la obra reflejan los contextos socioeconómicos y culturales de Europa alineados con la formación religiosa de Verney. Se concluye que el diseño del pensamiento educativo para Portugal nace de la coexistencia entre filosofía, ciencia y religión.

**Palabras clave:** Modernidad. Ilustración. Verney. Ciencia.

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra ciência, tal como a compreendemos, conceituamos e usamos, foi cunhada no século XIX, portanto a concepção de ciência que temos hoje não existia no início da Idade Moderna. É por isso que, falar de ciência a partir dos critérios da contemporaneidade, como se ela sempre existisse nessa moldura, constitui um engano. Afinal, o que existiu nos períodos que antecederam o século XIX, inclusive durante a Revolução Científica? Para Henry (1998), o que existiu foi uma filosofia natural que pretendia descrever e explicar o mundo em sua totalidade. A expressão 'filosofia natural' era utilizada para identificar a compreensão dos fenômenos do mundo físico. Essa filosofia, somada às técnicas desenvolvidas, permitiam a criação de novos conhecimentos e novas práticas que formavam blocos, próximos do que conhecemos hoje como disciplinas científicas.

Com o passar dos anos, segundo Henry (1998), o termo filosofia natural se agregou a outras descobertas e se transformou no que conhecemos como ciência e seus termos correlatos, dentre eles o conhecimento científico, a revolução científica e a ciência moderna. De fato, a historiografia científica, nas suas várias vertentes, parece reconhecer a presença da filosofia na construção dos fundamentos da ciência, na definição dos métodos científicos e na constituição dos seus objetivos. Entretanto, qual o lugar que a filosofia ocupa na ciência, ainda é tema de controvérsia.

Para alguns historiadores, a ciência e a filosofia se separaram a partir da Modernidade porque a filosofia não atende a uma exigência fundamental da ciência moderna: a produção de provas que tornem verdadeiros os conhecimentos produzidos. De fato, desde a Modernidade, compreendemos que conhecimento científico é aquele que produz provas e resultados; ao passo que o pensamento filosófico se empodera na capacidade de se re-

fazer sem se preocupar com a comprovação do seu resultado. Nessa linha de pensamento, ciência e filosofia se confrontam. Por outro lado, há a compreensão de alguns historiadores de que a teologia, a filosofia e a ciência formam uma unidade de pensamento. Para esses, não existe a constituição de uma ciência sem filosofia e sem uma série de ideias trans científicas (BARBOSA, 2013).

As ideias trans científicas, teológicas, estiveram latentes no corpo de conhecimento configurado durante o Iluminismo, com particularidade marcante no Iluminismo Católico Português. Logo, cabe questionar: como a compreensão de ciência ajustada aos conhecimentos religiosos esteve presente na reformulação do sistema educacional português pensada por António Verney (1713 -1792) e efetivada pela Reforma Pombalina? Qual a concepção de ciência que rege a obra *O Verdadeiro Método de Estudar* (1746)?

As questões acima desenham o objetivo deste artigo, a saber, analisar como a ciência é apresentada na obra *O Verdadeiro Método de Estudar* proposta por Verney como suporte para a reformulação do sistema de ensino português, no século XVIII, ao tempo em que dialoga com as concepções emergentes de ciência na Europa Oitocentista e com a tradição religiosa, católica, que marca a formação do autor. Se justifica pela singularidade de Portugal em relação ao Iluminismo que efervesceu no continente europeu e que teve implicações diretas nas suas colônias.

Quanto à metodologia, se constitui uma revisão bibliográfica de base teórica. Compreendemos como Gil (2002, p. 44) que a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e que visa uma contribuição ao já escrito com vistas à uma releitura alargada pelas especificidades de cada época.

Na primeira seção deste texto, falamos de ciência no contexto europeu do século XVIII e para o termo nos referimos ao modo de compreender, descrever e explicar o funcionamento do mundo físico adotado pelos intelectuais da época, tanto no sentido da racionalidade científica quanto na reflexão filosófica. Buscamos a influência que filósofos e cientistas europeus exerceram no pensamento de Luís António Verney e o levaram a elaborar um verdadeiro método de estudar para Portugal.

Fizemos um recorte para o estudo e assumimos como parâmetro os pensamentos do inglês Francis Bacon, empirista que defende o método indutivo como a verdadeira interpretação da natureza, portanto crítico do método dedutivo e do silogismo; também nos referendamos no francês René Descartes, considerado pai do racionalismo, que defende o ceticismo metodológico e com ele o método cartesiano, dedutivo; por fim, o pensar do filósofo Isaac Newton, naturalista e um influente cientista da Europa responsável pela produção e descobertas de leis aplicadas à Física.

Na segunda seção, abordamos Portugal em um contexto de Modernidade. Tratamos da decisão da Coroa Portuguesa de abrir suas portas ao Iluminismo Europeu sem abnegação da relação religiosa com a Igreja Católica como garantia de preservação da monarquia

divinamente instituída. Nesse contexto, concordamos com a existência de uma vertente específica do Iluminismo, chamada de Iluminismo Moderado ou Iluminismo Católico.

Por fim, como centro da análise deste estudo, temos o católico oratoriano Luís António Verney e a sua obra *O Verdadeiro Método de Estudar*, para ser útil à República e à Igreja: proporcionado ao estilo e à necessidade de Portugal. A publicação aconteceu em dois tomos, 1746 e 1750, respectivamente, e apresenta o pensamento iluminista português. As concepções de ciência na obra verneyniana foram analisadas a partir do contexto sócio histórico português.

Para a análise, inicialmente, focamos o título da obra e as possibilidades de critérios utilizados por Verney para sua escolha; e por fim, a carta de Física por apresentar um diálogo com vários pensadores da época e se constituir a principal parte da filosofia que entrelaçam o corpo e o espírito, segundo o próprio Verney.

Entendemos que o movimento de compreensão dos aspectos internos da obra e de sua relação com o contexto socioeconômico de criação permite conhecer um pouco da concepção verneyniana de ciência e traçar o desenho de Educação no referido período em Portugal. Dessa forma, não assumimos a pretensão de construção do conceito de ciência e nos reservamos de tendências anacrônicas quando tratamos de compreender a Educação e seu método de ensinar e aprender. Ao tempo que almejamos traçar algumas considerações acerca da concepção de ciência que sustenta a obra de Verney dado a profundidade de sua escrita e das propostas apresentadas.

## 2 A CIÊNCIA NO CONTEXTO EUROPEU DO SÉCULO XVIII

O século XVIII ficou marcado pela crítica à filosofia escolástica, a supremacia da razão e a busca da verdade onde o homem ganha a centralidade. Do ponto de vista filosófico, essa corrente é chamada de Racionalismo e se estruturou a partir de mudanças basilares no pensamento dos intelectuais europeus. O homem passou a ser concebido como sujeito do conhecimento, capaz de construir os objetos de conhecimento a partir das próprias representações mentais. Assim, a realidade passou a ser um sistema de causalidade e poderia ser conhecida e transformada pela racionalidade do homem.

Os Racionalistas entendiam que a Razão é inata aos homens e constitui fonte do conhecimento. O raciocínio lógico se estruturou pela dedução de ideias. A matemática se encarregou de representar a natureza como um conjunto de leis que obedecem a uma regularidade. Assim, para conhecer a realidade, composta da natureza e seus fenômenos, o homem passou a utilizar mecanismos mentais físico-matemáticos de onde originou a ciência.

Um dos pensadores racionalistas nesse período foi René Descartes (1596 -1650). Filósofo e cientista francês, entendia que a realidade existe independente do homem, portanto se constitui objeto de conhecimento. Para ele, a verdade é o resultado da relação en-

tre as coisas que existem no mundo real e o pensamento do homem. A filosofia de Descartes se fundamenta na dúvida. A dúvida passa a ser entendida como uma forma sistemática de se chegar às verdades. Com a descoberta de Galileo Galilei (1564-1642), onde por meio de um instrumento foi possível flagrar o espaço cósmico e revelar que a terra gira em torno do sol, e não o contrário, como a percepção humana indicava, a desconfiança de Descartes acerca da fragilidade dos critérios sensoriais do homem se confirma.

A ciência, quando guiada por um método definido, revelaria os segredos da natureza e produziria conhecimento verdadeiro e confiável ao homem. Em o Discurso sobre o Método, sua principal obra, Descartes (1996) expressou seu desapontamento e desencontros com a ciência praticada nas universidades europeias guiada pelos parâmetros aristotélicos e decidiu buscar o conhecimento dentro de si mesmo ou na natureza. Empreendeu a busca de uma verdade irrefutável que servisse como princípio elementar do conhecimento e assumisse o caráter dedutivo em seu método de fazer ciência. Para o filósofo, o método matemático, racionalista era a forma segura de se chegar ao conhecimento. Surgiu o método cartesiano.

Outra corrente filosófica do século XVIII, defendeu que a ciência deveria guiar-se pelo método científico empírico. O conhecimento científico constituiria uma verdade se passasse pela comprovação e pela experiência sensorial. Com a centralidade da experiência na busca do saber científico, passou-se a adotar uma metodologia rigorosa onde as hipóteses e teorias deveriam ser testadas, em contrapartida, as afirmações metafísicas deveriam ser rejeitadas devido a ausência de experimentação.

Um dos intelectuais que adotou essa postura filosófica foi Francis Bacon (1561-1626). Filósofo, político inglês e crítico da filosofia escolástica. Para Bacon, a filosofia escolástica era essencialista e sem experimentação, portanto sem efeitos práticos para a vida do homem. O conhecimento deveria conduzir a verdade, por isso ser experimental, empírico. Logo, o verdadeiro cientista, como filósofo da natureza, deveria utilizar o método indutivo como caminho ideal para a investigação. Nele, se parte da observação dos fatos e do empirismo para se chegar às conclusões.

Bacon (2003) entendeu que o conhecimento deveria ser medido pelos seus resultados e funcionalidades para o homem. Para cumprir essa função, o conhecimento deveria estar fundamentado em fatos, apreciados via observação e experimentação. Somente mediante a observação passiva e objetiva dos fenômenos da natureza se alcançaria a verdade e, como ela, elaborar as leis universais que as explicam. Vale ressaltar que o filósofo buscou não conjecturar e nem testar os fenômenos da natureza, mas desvelar a realidade com explicações objetivas advindas de observações neutras.

Ao analisarmos a ciência no contexto europeu do século XVIII, a partir de dois dos seus intelectuais, um francês e o outro inglês, parece notório os caminhos diferentes que a ciência começa a apontar: caminhos que convergem, mas nunca se tornaram uno. Enquanto Descartes assume uma postura filosófica racionalista e adota o método dedutivo como

o caminho seguro para a busca do conhecimento, Bacon, empirista, reconhece o método indutivo como o mais apropriado e aponta a importância da experiência na ciência da natureza. Assim, a ciência no contexto europeu se apresenta como uma busca da verdade através da razão com duas possibilidades metodológicas: o método dedutivo e o método indutivo.

O contexto da história intelectual ficou conhecido como o século das Luzes ou Iluminismo. No que diz respeito a filosofia natural, boa parte dos iluministas tomou a obra de Isaac Newton (1643-1727) como um arranjo harmônico das vertentes filosóficas seguidas pelos intelectuais que o precederam. O newtonianismo, enquanto fenômeno da história intelectual, pôde ser tomado como peça importante da ciência iluminista; como um fenômeno decorrente da compreensão e divulgação do método experimental e das leis gerais da natureza formuladas por Newton para além dos círculos das ciências física e matemática.

Isaac Newton foi sistematizador da obra de Descartes, Bacon e outros; desenvolveu uma formulação matemática, de concepção mecanicista da natureza; estabeleceu o paradigma mecanicista ou newtoniano-cartesiano. No que se trata de metodologia científica, agregou o método empírico-indutivo e o método racionalista-analítico-dedutivo. Ultrapassou Francis Bacon em sua experimentação sistemática e René Descartes em sua análise matemática. Unificou as duas tendências.

Nesse sentido, Oliveira (2011) entende o newtonianismo como um fenômeno intelectual que representou, para a filosofia iluminista, um paradigma do conhecimento global incorporado nos mais variados horizontes de investigação, extrapolando a temática da Física e alcançando outros nichos do conhecimento, inclusive estendendo-se à ciência do homem. A física de Newton foi capaz de explicar mais que o movimento da terra, sua explicação assumiu cunho materialista, de experiência, de observação. O intenso uso de instrumento matemático possibilitou o surgimento de um novo método de praticar a filosofia natural.

Para compreender o método de Newton podemos elucidar diferentes pontos de sua cadeia conceitual, como o estudo das causas físicas, dos princípios metafísicos e do entendimento da matematização da natureza. Segundo Oliveira (2011), Newton defende a doutrina da externalidade do movimento da matéria, ou seja, a regularidade e a coerência do universo eram provas de uma ação atribuída a um ser inteligente e poderoso: Deus. Pertencente à tradição físico-teológica, o newtonianismo defendeu a relação de dependência da mente e do movimento a um ente externo e superior.

A relação Deus-Natureza nos remete ao conceito de teologia natural tratado por Ferreira (2016) que constitui a atribuição de uma função religiosa à natureza como propuseram Descartes, Newton e Locke. Para o autor, o Iluminismo praticado em Portugal, o Iluminismo Católico, efetivado pela reforma pombalina e pensada por intelectuais como Ribeiro Sanches (1699-1782) e António Verney (1713 -1792) seguiam a mesma linha teológica que procuraram harmonizar os avanços da ciência com a autoridade da Bíblia Sagrada.

De fato, Portugal não esteve alheio ao contexto Iluminista da Europa e suas efervescentes correntes científicas, muito menos às influências de Isaac Newton. Durante o reinado de D. João V (1706-1750), o país começou a abrir as portas para que a centelha de Luz penetrasse com sua face mais moderada. A aceitação da existência atuante de Deus estava presente nessa vertente do Iluminismo e nas concepções de ciência que surgiram. Para intelectuais como Descartes, Deus era a causa primeira de tudo; para Newton e outros da mesma linha, Deus era a causa primeira e atuante no mundo natural. Logo, seria contrário à razão acreditar que toda harmonia existente no universo foi obra do acaso.

Entretanto, assumir a teologia natural não significa, necessariamente, aceitar o pensamento escolástico, considerado não explicativo e dogmático. Significa, o deslocamento do lugar de Deus nas concepções emergentes de ciência. Assim, as instituições religiosas nos séculos XVI a XVIII tiveram dificuldade para se legitimar frente às descobertas científicas.

### **3 PORTUGAL EM UM CONTEXTO DE MODERNIDADE**

As ideias iluministas chegaram a Portugal inseridas em um quadro geral de transformações que marcaram a sociedade europeia no século XVIII. Aspirou-se adotar as ideias modernas derivadas da Revolução Científica ao mesmo tempo em que se reforçava o poder real como monarca de direito divino, portanto sem abrir mão das doutrinas da Igreja Católica. Nessa conjuntura contextual, as linhas mais radicais do pensamento iluminado foram fortemente combatidas. A vertente moderada do Iluminismo buscou, segundo Ferreira (2016), uma conciliação entre as teses de intelectuais modernos e as doutrinas do catolicismo. A polaridade, ciência e teologia, marca o pensamento de iluminados de países católicos e suas colônias sem poupar críticas à Escolástica e à Companhia de Jesus.

De fato, a Revolução Científica levantou uma questão central com a qual a Igreja precisou lidar: o conhecimento para ser validado precisava de observação e experimentação. Somada a essa questão, a Igreja não pôde desconsiderar a presença crescente de iluminados que rejeitavam qualquer tipo de intervenção divina na natureza (ateísmo) e daqueles que acreditavam ter sido o mundo criado de uma vez e desde lá passou a ser gerido por leis fixas e invariáveis (deísmo). A última postura filosófica tanto defendeu quanto atacou o cristianismo católico, sendo os seguidores da ordem da Companhia de Jesus, ou jesuítas, o principal alvo.

Silva (2013) aborda o movimento anti jesuítico e apresenta variados motivos para o projeto de expulsão dos jesuítas, marca do período pombalino. Para ele, a própria estrutura hierárquica da ordem da Companhia de Jesus desafiou a Coroa por reafirmar obediência à Roma como prioritária às autoridades régias. Outro imperativo foi o sólido poder econômico católico erguido no centro do império português que representava uma ameaça ao poder dos monarcas. Afinal, além dos vastos privilégios concedidos pela Santa Fé e reconhecidos

pelos reis portugueses aos dois principais campos de atuação dos jesuítas, o missionário e o pedagógico, a Companhia de Jesus tornou-se uma das instituições mais opulentas da América Portuguesa.

Outra crítica aos jesuítas vinha de intelectuais portugueses, por vezes nas pessoas dos estrangeirados, que os responsabilizavam pela decadência cultural e científica dos portugueses em relação às revoluções que marcaram o campo científico na Europa. Assim, os limites de atuação exercida pelos jesuítas, especialmente no campo educacional, começaram a ser impostos mesmo antes de D João V (1689-1750) ascender ao trono e tutelar o Marquês de Pombal (1699-1782) em Portugal. A aproximação da realeza portuguesa com a Ordem dos Oratorianos parecia indicar o desejo de permitir inovações na administração do Estado e aproximação de Dom João V com os iluminados. Além do que, os oratorianos, ao contrário dos jesuítas, reconheciam e se submetiam ao poder da Coroa.

Antes de continuarmos a comparação entre as ordens religiosas, Companhia de Jesus e a Congregação do Oratório, façamos uma retrospectiva da chegada dos oratorianos à Portugal.

Desde 1668, após a Confraria de Nossa Senhora das Saudades, Bartolomeu de Quental (1627-1698), pregador e capelão da família real desde D. João IV (1640-1656), apresentou a Portugal a Congregação do Oratório de Nossa Senhora de Assunção de inspiração italiana e fundada por Filipe de Néri (1515-1595), contemporâneo de Inácio de Loyola (1491-1556). O nome oratório se refere ao lugar destinado ao culto católico, mas não eram tidos como sagrados. Por terem funções religiosas diferentes das Igrejas, não tinham filiação dos participantes, pagamentos de anuidades e nem ajuda financeira para as missas, sepultamentos e outros ofícios prestados pela irmandade. A Congregação do Oratório se inspirou na tradição desses oratórios e assumiu uma religiosidade voltada à comunidade de habitantes miseráveis e doentes. Segundo Silva (2013) essa forma de atividade religiosa com ênfase na caridade desenhou um modelo de religiosidade que encontrou espaço no contexto oitocentista.

Contudo, as Congregações do Oratório fundadas em Portugal assumiram características singulares e ao gosto da realeza portuguesa, de modo que não apresentavam grandes semelhanças com o modelo estabelecido por Filipe Néri, na Itália, e nem por Pierre Bérulle, na França. Os oratorianos em Portugal conservaram apenas alguns pontos de contato com seus irmãos italianos e franceses. Dos italianos, conservavam o exercício da caridade, a prática da oração, a acolhida de leigos vinculados à congregação, a restrição às mortificações, o caráter urbano da congregação e a liberdade que norteava a entrada e a saída na irmandade. Dos franceses derivaram a inspiração do programa curricular de ensino dos colégios e do modelo centralizado de administração.

Conforme Silva (2013), para ser admitido como oratoriano o jovem deveria apresentar pureza de sangue, boas condições de saúde, idade entre 18 e 45 anos, conhecimento do latim e outra língua. Todos os seus membros eram eleitos a cada três anos e compu-



nham uma estrutura hierarquizada: o prepósito geral, o prefeito, o procurador e os três deputados responsáveis por eleger os demais cargos da congregação. Os gastos eram custeados pelo patrimônio próprio, doações dos fiéis e privilégios reais.

No que trata da ação educativa dos oratorianos, no início estava mais voltada ao ensino católico e às práticas religiosas que conduziram à pureza e à perfeição humana e menos às ações pedagógicas de natureza científica. Entretanto, a situação logo se inverteu. Com o apoio da Coroa portuguesa e da aristocracia, a Congregação do Oratório começou a focar a atividade pedagógica e em pouco tempo se configurou como alternativa aos colégios jesuítas com novas diretrizes pedagógicas e filosóficas.

Esse novo campo de atividade da congregação tomou forma ao ponto de estar estruturado para sustentar um projeto político-institucional em oposição à escolástica a partir da tutela joanina, durante a primeira metade do século XVIII. Nesse período, os colégios oratorianos representavam concorrência significativa aos jesuítas e os estudantes tinham a possibilidade de ingressar na Universidade de Coimbra, prerrogativa dada anteriormente apenas aos jesuítas.

Silva (2013) nos informa que, apesar dos oratorianos nunca conseguirem equiparar sua obra àquela realizada pela Companhia de Jesus, eles demonstraram que a intelectualidade portuguesa não dependia dos jesuítas. Denunciaram sua desgastada escolástica e peripatetismo, bem como a fragilidade de suas bases teóricas no plano da Filosofia, Lógica, Retórica, Gramática e Pedagogia. Diante das graças da Coroa e da sociedade portuguesa, receberam como doação a Casa de Nossa Senhora das Necessidades, em 1745, e uma grande biblioteca onde ensinavam Teologia, Moral, Filosofia, Retórica e Gramática Latina aos jovens portugueses.

Devido ao apego à religiosidade ou à teologia por parte dos oratorianos, alguns estudiosos, como Ferreira (2016), veem com cautela a suposta adesão dos oratorianos aos novos parâmetros da ciência moderna que tendia a explicação racional da natureza e a secularização do conhecimento científico que constitui uma característica da modernidade. Como um exemplo claro deste dualismo entre o antigo e o novo modelo de ciência presente no pensamento intelectual de iluminados, analisaremos o oratoriano Luís Antônio Verney.

#### 4 LUÍS ANTÔNIO VERNEY E O VERDADEIRO MÉTODO DE ESTUDAR

Luís Antônio Verney nasceu em 1713, em Lisboa, e morreu em 1792, em Roma. Foi testemunha das principais mudanças que eclodiram com força durante o século XVIII na Europa. No seu processo de formação estudou de Gramática à Retórica em colégios jesuítas. Fez mestrado em Artes pela Universidade de Évora e doutorado em Teologia e Direito pela Universidade de Roma.

Era considerado um estrangeirado português, um conceito, *a priori*, relacionado aos homens adeptos do pensamento iluminista, o que havia de mais moderno no período. No

entanto, o termo também sustentava certo nível de preconceito por parte da tradicional sociedade portuguesa que via a postura filosófica moderna como ameaça à ordem instituída. Assim, apesar de ser tratado com certas reservas por parte da nobreza, Verney gozou de certos privilégios como intelectual ilustrado na corte portuguesa e entre os representantes portugueses na Itália, principalmente devido ao seu vínculo com a Congregação do Oratório.

Embora alguns autores admitam António Verney como oratoriano (SILVA, 2013; RUCKSTADTER, 2012; OLIVEIRA, 2011) há aqueles, como Ferreira (2016), que apontam para o fato de não existirem provas da sua afiliação à Congregação do Oratório. Para esse, António Verney era simpatizante dos oratorianos devido ao contato com um irmão, Diogo Verney, que fazia parte da Congregação. Neste estudo, apresentamos Luís António Verney como oratoriano, reforçando o pensamento da maioria dos estudiosos do estrangeirado e por entendermos que a temática extrapola o bojo do estudo delimitado para o momento.

Sua principal obra, *O Verdadeiro Método de Estudar: para ser útil à República, e a Igreja* (1746), está organizada em dois tomos, composta por oito cartas cada um<sup>1</sup>. A obra se configurou como uma ferrenha crítica a ordem católica conhecida e apoiadora da Igreja desde a época da Reforma, a Companhia de Jesus, dirigida por um seguidor do Iluminismo, também católico. Para De Andrade (1980), a polêmica em torno da obra verneyniana teve início durante a solicitação de licença para sua divulgação ao Tribunal da Santa Inquisição. Os mais de dez inquisidores, após ler e reler suas páginas, decidiram apreender e proibir sua circulação, todavia a decisão parece não ter sido unânime uma vez que ela foi lançada de maneira clandestina por um dos inquisidores que era favorável às ideias expostas.

Em estudo acerca do Verdadeiro Método de Estudar, Ruckstadter (2012) indica que as concepções de Verney marcam também a escolha do título da sua obra. Os termos 'o verdadeiro método' nos faz lembrar as características que a ciência assume a partir da modernidade. A ciência no século XVII se estruturou em critérios racionais com vistas a desvendar a verdade. René Descartes e Francis Bacon, como vimos anteriormente, foram duas matrizes importantes nesse modelo de pensamento moderno. A verdade passou a ser um critério para convencer a opinião pública em Portugal e, conseqüentemente, o poder político.

Os intelectuais, com vistas a tornar hegemônica sua teoria, empreendiam esforços para convencer o maior número possível de pessoas esclarecidas da veracidade de suas descobertas e da superioridade da sua ciência. Para Chauí (1989) formar a opinião pública

---

1 Carta I – Gramática e ortografia da língua portuguesa; Carta II – Gramática Latina; Carta III – Latinidade; Carta IV – Grego e hebraico; Carta V – Retórica; Carta VI – Continua o estudo da Retórica; Carta VII – Poética; Carta VIII – Filosofia; Lógica; Carta IX – Metafísica; Carta X – Física; Carta XI – Ética; Carta XII – Medicina; Carta XIII – Jurisprudência; Carta XIV – Teologia; Carta XV – Direito Canônico; Carta XVI – Observações várias

também era um embate ideológico no período. Caberiam aos filósofos iluministas divulgar suas ideias e torná-las aplicáveis para universalizar a particularidade do seu método.

Portanto, de acordo com Ruckstadter (2012), um ‘verdadeiro método’ representaria um caminho seguro para todos aqueles que investigam algum fenômeno natural para desvendá-lo aos olhos da sociedade moderna. O método moderno nasceu no âmbito das ciências naturais, pois se entendia que ao desvendar os segredos da natureza poderia desvendar os segredos do próprio homem. Vale ressaltar que Verney não apresenta um método verdadeiramente novo no sentido de patentear sua criação, mas seu mérito encontra-se exatamente na capacidade de dialogar com as diversas concepções emergentes na Europa e se apegar ao que julgava como verdadeiro nos métodos e concepções de Descartes, Bacon e Newton. Assim, o verdadeiro método era composto por diferentes contribuições dos intelectuais iluminados.

Para Ruckstadter (2012), o termo seguinte, estudar, constitui o núcleo verbal da sentença, o verdadeiro método de estudar. Chama a atenção o fato de Verney deslocar o foco do ‘ensinar’ para o ‘estudar’ nas questões que envolvem a educação e a prática pedagógica em Portugal. De fato, a educação formal, como enfoque voltado para o estudo, adquiriu um novo significado na Europa oitocentista e se tornou o valor diferencial entre os indivíduos na sociedade portuguesa. Ademais, o destaque nas tendências filosóficas da época era o método de estudo seguido pelo cientista. As metodologias de base aristotélica e escolásticas já não se sustentavam. De modo que, tornou-se necessário novos métodos de investigar a natureza.

Treinar corretamente o estudante da educação formal para se tornar um cientista envolvia, acima de tudo, ensiná-lo a estudar a partir de uma metodologia correta que possibilitasse a descoberta da verdade. Só assim, a mocidade portuguesa se tornaria ‘útil’ à República e à Igreja. Tal entendimento nos leva, na visão de Ruckstadter (2012), a segunda sentença do nome atribuído por Verney à sua obra: para ser útil à República e à Igreja.

O pensamento de Verney estava alinhado à tendência dos iluministas que concentravam suas reflexões em propostas que pudessem ter aplicações práticas. Nas cartas da obra, o autor insiste em refutar toda a educação que estivesse desvinculada com a realidade prática. Nesse sentido, julgava que o ensino jesuítico era descabido para o período vivenciado por negligenciar um modelo de educação e de uma cultura útil à República.

Ao fazer alusão aos termos República e Igreja, ao gosto da teologia natural, para Ruckstadter (2012), indica que Verney, de um lado, se preocupava com um método de estudo que fosse útil para o bem público, que servisse à formação do homem e à vida em sociedade regida por leis que assegura o bem comum. De outro lado, o termo Igreja associada à República indicava a posição política e filosófica de Verney ligada a sua formação católica e às características do movimento das Luzes em Portugal.

Entretanto, ser útil à Igreja, para Verney, parece não representar uma defesa de um ensino voltado à formação de religiosos, mas uma tentativa de conciliar ciência e fé no

programa de ensino proposto para Portugal com vista à formar bons cristãos, qualquer que fosse a profissão exercida na sociedade. Ao acrescentar no subtítulo da obra: ao estilo e necessidade de Portugal, Verney expõe o propósito central de seu programa de reformas do ensino: reformar a mentalidade portuguesa sem violar sua singularidade.

Ainda, Ruckstadter (2012) acredita que a obra verneyniana ter sido escrita no anonimato contribui para a sua circulação, pois criou um movimento entre os leitores para identificar o suposto padre franciscano, R. P. <sup>\*\*\*2</sup> Barbadinho da Congregação de Itália que assina a carta e a direciona ao R. P. <sup>\*\*\*</sup>Doutor da Universidade de Coimbra. Para instigar mais curiosidades, sua segunda edição, lançada no mesmo ano, traz como referência a editoração feita na oficina de António Balle, em Valensa.

O conteúdo do livro não instiga menos curiosidade, pois ele apresenta uma proposta de reforma em Portugal através da Educação e de um Método de Estudar, adjetivado como verdadeiro, além de assegurar sua utilidade à República e à Igreja. Logo, se tornou o centro de uma disputa dos preceitos religiosos, políticos e pedagógicos entre oratorianos e jesuítas. Tal disputa, particularmente em Portugal, retrata o enfrentamento de duas visões de mundo e concepções de educação que emergem em uma sociedade que se deseja moderna, racional e que busca uma verdade científica através de um método de investigação sem abdicar do poder da Igreja nas decisões políticas e na formação de sua mocidade.

Ademais, Ruckstadter (2012) nos adverte que, latente a oposição de projetos pedagógicos entre jesuítas e oratorianos estava a luta pelo domínio na forma de pensar a sociedade, a economia e a cultura oitocentista, somado do almejo pelo prestígio político junto à Coroa. Assim, no entendimento da autora, os jesuítas não estavam tão alheios às principais revoluções científicas modernas, conforme apregoava o movimento anti jurídico, nem os oratorianos tão iluminados quanto se apresentavam.

É fato que, segundo Ruckstadter (2012), a Companhia de Jesus foi desde sempre uma ordem religiosa polêmica. Apesar de atrair simpatizantes, convivia com a repulsa de muitas pessoas, mesmo dentro da Igreja Católica, como é o caso da Congregação dos Oratórios, grande responsável pela formação e divulgação da imagem negativa dos jesuítas em Portugal. Os principais ataques não pouparam áreas da Companhia, atingiram a teologia e a eclesiologia jesuítica, os preceitos políticos e morais que a sustentavam, a pedagogia desenvolvida nos seus colégios e, principalmente, o seu método julgado como retrógrado e inútil.

Nos dois últimos campos, o pedagógico e o método científico, os oratorianos propuseram a implementação das ciências naturais em Portugal a partir do pensamento de Francis Bacon, Descartes e Newton, dentre outros. Defendiam o ensino da Língua, da Gramática e da Ortografia Portuguesa sem a assessoria do latim. Para o autor do Verdadeiro Método de Estudar, Verney, o método aplicado pelos jesuítas conduzia o estudante a um

---

2 Marcas (\*\*\*) presentes na obra de Verney.

saber apenas contemplativo, sem utilidade em uma sociedade moderna do século XVIII. Assim, Verney propunha um novo método para estudar, o verdadeiro, assumido pela ciência moderna, portanto parametrizado pela razão e pela experiência.

Um enfoque na estrutura interna da obra, composta por cartas, torna possível percebermos que elas seguem um esquema geral comum. Na introdução, o autor conceitua a área, em seguida ressalta a sua importância e, finalmente, dá informações do seu histórico e ajustes de melhoria. Embora enalteça a antiguidade clássica, acautela quanto aos seus ensinamentos, fato condizente com seu propósito inovador de romper com o predomínio da autoridade. Assim, Verney reconheceu a importância dos estudos realizados por Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), Francis Bacon (1561-1626) e Isaac Newton (1642-1727) para a Filosofia Moderna. Dialogou com cada cientista da época e se fundamentou no que entendeu como o melhor em cada um deles para contrapor o conhecimento de base jesuíta.

A análise da dedicatória de *O Verdadeiro Método de Estudar* nos permite perceber a sutileza com que Verney começou o debate sobre a construção de uma concepção iluminista da ciência e da educação, bem como de um posicionamento declarado alinhado ao movimento anti jesuítico. Apesar de não ser oficialmente o pensador das reformas pombalinas, sua obra contribuiu para o debate sobre os métodos de ensino e a organização dos estudos em Portugal. As propostas apresentadas por Verney configuram a adoção de novos paradigmas de ensino norteados por novas direções da Ciência e Método Científico.

Verney critica o período medieval que, para ele, enquanto iluminista, representava séculos de sombras em relação ao conhecimento, principalmente no que tange a Física. Em sua carta dedicada aos estudos da Física, considerada por ele parte importante da Filosofia, Verney apresenta a polaridade antigo *versus* moderno, analisada a partir dos estudos de Mendes (2006), e posiciona-se ao lado dos argumentos dos modernos, especialmente em sua crítica aos peripatéticos.

Para Verney a Física é “a parte principal da Filosofia” (VERNEY, 1750, v.2, p. 168). Afinal, a Física é “a ciência que examina a natureza do Corpo e Espírito mediante os efeitos que conhecemos” (VERNEY, 1750, v.2, p. 207). De forma que, “primeiro, é necessário formar a verdadeira ideia do corpo, e, pondo de parte todos os prejuízos, examinar qual é a natureza daquilo a que todos constantemente chamam de corpo”. (VERNEY, 1950, v.2, p. 207-208)

A partir daí, a Física se estrutura sobre as bases da Matemática, da Geometria e do Cálculo

[...] mostra o Físico as leis do movimento dos corpos, a ação mútua dos corpos duros e elásticos e compreende os movimentos da gravidade. Tanto absoluta como equilibrada, a que chamamos *Mecânica* ou *Estática*, etc.. Com ela explica as leis dos corpos fluidos, a que se chama *Hidrostática* e *Hidráulica*, segundo as coisas que considera [...] (VERNEY, 1950, v.2, 209-210)

Em seguida, na visão de Verney, a Física se encarrega do espírito

Tendo examinado a natureza dos Corpos, deve examinar a dos Espíritos. Deve, pois, o estudante, seguindo o mesmo método, provar a existência e a espiritualidade da nossa alma. (VERNEY, v.2,1950, p. 238)

Por fim, a Física chega ao objetivo: examinar a natureza usando as faculdades de pensamento, da razão e,

Finalmente, deve o Filósofo examinar a existência do espírito incriado, o princípio de todas as coisas. Este deve ser o principal empenho do filósofo, pois este é o fundamento de toda Filosofia e Religião e tudo que se examina com a luz da boa razão (VERNEY, 1950, v.2, p. 244)

Ou seja, Verney entende que a Física deve tratar da relação do corpo com o seu criador, Deus. Essa atividade é tão importante para a Física que se tornou o fundamento de “toda a filosofia e religião”. Nesse ponto, as concepções verneyniana se ligam diretamente a Locke (1983, p. 343) para quem a Física deveria incluir “a matéria e corpo, mais o espírito também, que tem sua própria natureza, constituições e operações, assim como o corpo”

Na carta da Física, Verney demonstra a incompatibilidade entre o método moderno e o aristotélico. Portanto, se o ensino de Física se quisesse moderno deveria romper formalmente com a escolástica ou com o aristotelismo.

Nem vale dizer que alguns mais modernos recebem as experiências. Isto são arengas; porque, neste particular, não há meio. Quem recebe as experiências, e, em virtude delas, quer discorrer, deve renunciar ao Peripato; quem abraça o Peripato deve renunciar às experiências. São coisas totalmente opostas, que uma destrói a outra (VERNEY, 1950, v.2, p. 278)

Ferreira (2009) entende que Verney se referiu aos autores que, na época, ainda mantinham vínculo com Aristóteles, dentre eles Azevêdo Fontes e o Padre João Batista. Entretanto, acautela o estudioso da obra, essa referência não pode ser entendida como aversão aos pensamentos aristotélicos. No contexto apresentado, Verney parece evidenciar que o problema do peripato reside no fato de estar defasado em relação ao século XVIII. Adepto do uso da experiência como forma de comprovação da verdade, o iluminista se mantém alinhado ao pensamento empirista e newtoniano.

De outro lado, nem todos os autores considerados modernos, de fato o são na visão de Verney. A esses “meio modernos” que ele elenca com ressalvas.

Devo admitir a V. P. que há grande diversidade entre uns e outros Modernos. Os primeiros que sacudiram o jogo de Aristóteles, como Catésio [Descartes] e Gasendo, ainda que fossem Anti-Aristotélico nos fundamentos, muitos se inclinam ao Peripato

no método. [...] Por isso, Cartesianos e Gasendistas, ainda que se chamem moderno porque se fundam em experiência, contudo são Filósofos hipotéticos porque se põem a muitas coisas que não provam (VERNEY, 1950, p. 199-201)

É perceptível a preferência pelo modernismo inaugurado por Isaac Newton (1643-1727) que desprezou as hipóteses. O método defendido por Verney é o praticado pelas academias científicas da Europa, dentre elas “Londres, Paris, Leopoldina, Berlim, Bolonha e São Petersburgo” (VERNEY, 1950, p.201). O processo racional do método verdadeiro para estudar Física se evidencia em seguida. Deixemos que o próprio Verney explique

Este é o sistema moderno: não ter sistemas; e só assim é que se tem descoberto alguma verdade. Livre da paixão, cada Filósofo propõe as suas razões sobre as coisas que observa; as que são claras e certas, abraçam-se; as duvidosas, ou se rejeitam, ou se recebem no grau de conjecturas, enquanto não aparecem outras melhores; e assim é que se forma o corpo da doutrina. (VERNEY, 1950, v.2, p. 220-203)

A matematização é um dos aspectos metodológicos fundantes do pensamento de Galileu Galilei (1564-1642). Além disso, o cientista defendeu a observação e a experimentação na construção do conhecimento, consideradas requisitos para a construção da própria ciência. Essa construção se daria a partir de conceitos matemáticos, por isso Verney defende que não é possível ser um bom filósofo sem conhecer a Matemática e destaca que os principais nomes da Filosofia Moderna eram também renomados matemáticos

Para Verney, o cartesianismo era mais engenhoso que verdadeiro. Ao afirmar que o verdadeiro sistema moderno é não ter sistema, não recusa o método e o uso da razão, mas a existência de um sistema de hipóteses fundamentais (FERREIRA, 2009). Para ele, o racionalismo de Descartes, por admitir tais hipóteses fundamentais, era uma espécie de nova escolástica.

A Álgebra, que é uma Aritmética literal, mediante a qual se facilitam as demonstrações e se descobrem muitas coisas que antigamente se ignoravam e algumas não se sabiam provar. Com estas preparações é que o Físico poderá mostrar as leis e propriedades do movimento, sem o conhecimento das quais não se pode dar um passo na Física (VERNEY, 1950, v.2, p. 209)

No fragmento, Verney parece trazer a ideia de leis do movimento e colocar em evidência o que havia de central na filosofia moderna: que os resultados da experiência e da observação podem ser demonstrados matematicamente, permitindo que se prove as descobertas. Assim, Verney trouxe à baila o tripé do modernismo em sua face newtoniana: experiência, observação e prova. Outro ponto de encontro entre as concepções de Verney e a Física newtoniana, segundo Ferreira (2009), é o fato de atribuir à Geometria e à Álgebra a descoberta de coisas até então ignoradas.

[...] entendem os Peripatéticos que a Astronomia é verdadeira Matemática. A Astronomia, porém, nada mais faz que explicar os fenômenos dos Céus que nós vemos, digo os movimentos dos Planetas; e, como não pode explicar isto sem saber as propriedades dos triângulos e linha curvas, porque estes é que ensinam a não errar nos raciocínios, daí vem que lhe chamam Matemática. Mas esta razão milita na Física. Expliquem-se V. P. a aceleração do movimento de uma grave que cai perpendicularmente, ou por um plano inclinado, ou que penetra em um fluido, ou qualquer outro fenômeno natural; não poderá dar perfeita razão disto sem os princípios da Matemática, motivo também pelo que digo que a Física discursiva é Matemática Mista. Nela, a experiência reputa-se por dado, e o raciocínio é deduzido da matemática que ensina a não errar nos discursos. (VERNEY, 1950, v.2, p.213)

Verney critica o fato dos jesuítas chamarem de Matemática assuntos que pertencem ao campo da Física. A partir do fragmento acima, Verney explica que a Astronomia se propõe *evidenciar* os movimentos dos planetas, movimento que são observados por homens, ao passo que a Matemática é usada para *explicar* os movimentos. No entanto, utilizar Matemática para explicar a Astronomia com a linguagem matemática não faz a Astronomia uma Matemática.

Oliveira (2011) explica que a Matemática para Verney é dividida em matemática simples e matemática mista. A primeira é composta de Geometria e Aritmética e a segunda envolve a Mecânica, Estática, Hidrostática, Astronomia, Óptica e Geografia que pertencem a Física e devem ser examinadas por procedimentos matemáticos.

No entendimento de Oliveira (2011), Verney, na obra o Verdadeiro Método de Estudar, elabora uma explicação do newtonianismo e lamenta a separação entre Matemática e Física, pois a primeira tem a capacidade de explicar as descobertas realizadas pela segunda. Reconhece uma linguagem consensual, entende o quanto o desenvolvimento da Matemática está atrelada à Astronomia, mas, no momento de apresentar isso, aponta apenas as vantagens da Matemática enquanto um instrumento da linguagem para a filosofia natural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Verdadeiro Método de Estudar tem como ponto central a proposta de uma renovação do pensamento científico e teológico em Portugal. A ciência, para Luís António Verney deve seguir os critérios iluministas em um contexto de modernidade: observação, experiência e prova. A compreensão do que vinha a ser o conhecimento científico estava relacionada à comprovação e a experiência sensorial em busca da verdade absoluta dos fatos. Com a centralidade da experiência na busca do saber científico passou-se a adotar uma metodologia rigorosa onde as hipóteses e teorias deveriam ser testadas, em contrapartida, as afirmações metafísicas deveriam ser rejeitadas devido a ausência de experimentação.

Entretanto, o estrangeirado não enxerga dualidade entre a ciência e a teologia, seguindo o mesmo pensamento de Newton e Descartes. De fato, a relação Deus-Natureza



embasada no conceito de teologia natural que atribui uma função religiosa à natureza se propagou em Descartes, Newton e Locke em um esforço de harmonizar os avanços da ciência com a autoridade da Bíblia Sagrada. Nesse sentido, parece que as descobertas de Isaac Newton e a teoria newtoniana encontram centralidade na discussão de Verney.

Concernente ao ato educativo, os oratorianos tiveram o início voltado ao ensino católico e às práticas religiosas, mas não permaneceram nesse caminho. Com o apoio da Coroa portuguesa e da aristocracia, começaram a investir em atividades pedagógicas modernizadoras e se colocaram como alternativa aos colégios jesuítas. Em relativamente pouco tempo, criaram um projeto político-institucional em oposição à escolástica.

O título escolhido para a obra *O Verdadeiro Método para Estudar* traz a compreensão do autor sobre um caminho seguro de investigação dos fenômenos naturais que busque a verdade científica por aprimorar o método de estudo em contraposição ao método tradicional jesuítico. Identificamos que Verney não apresenta um método novo que possibilite patentear a criação, mas expõe a capacidade de conciliar as diferentes concepções emergentes, na Europa Moderna, e enfoca aquilo que julgava como verdadeiro nos métodos e concepções de Descartes, Bacon e Newton. Assim, sua obra é composta por diferentes contribuições dos intelectuais iluminados.

Como oratoriano, o autor de *O Verdadeiro Método de Estudar* se opôs à filosofia jesuítica desde a sua essência, passando pelas suas crenças até chegar ao seu modelo pedagógico. Como ex-estudante de colégio jesuítico, Verney pôde falar com propriedade da dinâmica das aulas nos colégios e de como era organizado o estudo a partir das ideias aristotélicas.

Embora, em algumas passagens de sua obra, reconheça a importância dos clássicos da antiguidade, Verney entende que o conhecimento deve assumir como critério a utilidade para a vida em sociedade, portanto a educação e o estudo só encontra o sentido pleno quando passa pelo critério de utilidade. Nesse sentido, postula a inutilidade das discussões escolásticas para o que deveria ser o verdadeiro papel do cristão naquele momento: defender a religião católica perante as vertentes filosóficas modernas mais radicais em termos políticos e religiosos.

Assim, Verney dialoga com as concepções de ciência emergentes na Europa durante o século XVIII e a tradição religiosa, católica, que marca sua formação. Ao mesmo tempo em que o movimento de compreensão dos aspectos internos da obra e de sua relação com o contexto externo de criação permitiu compreender a concepção verneyana de ciência.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mohana Ribeiro. **Revolução científica e nascimento da ciência experimental em Alexandre Koyré**. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Cap. 01. Disponível em: [https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3031/5/Dissertacao Mohana R Barbosa.pdf](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3031/5/Dissertacao%20Mohana%20R%20Barbosa.pdf). Acesso em: 04 de fev. 2019.

BACON, Francis. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Trad. e notas de José Aluysio Reis, Pará de Minas: M&M Editores, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1998.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. Trad. de J Guinsburg e B. Prado Júnior. São Paulo. Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).

DE ANDRADE, António Alberto Banha. **Verney e a projecção de sua obra**. Portugal: Instituto de Cultura Portuguesa, 1980.

FERREIRA, Breno Ferraz Leal. **Economia da Natureza: a História natural entre a Teologia Natural e a Economia Política (Portugal e Brasil 1750-1822)**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Ver%C3%B4nica%20Alves/Downloads/2016\\_BrenoFerrazLealFerreira\\_VCorr.pdf](file:///C:/Users/Ver%C3%B4nica%20Alves/Downloads/2016_BrenoFerrazLealFerreira_VCorr.pdf) . Acesso em: 04 de fev. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENRY, John. **A Revolução Científica e as Origens da Ciência Moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Ciência e Cultura). Trad. de Maria Luíza X. de A. Borges.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Trad. de Anuar Aiex Opinião. Coleção os Pensadores.

MENDES, Alexandre Claro. **O Verdadeiro Método de Estudar: o impasse entre o antigo e o moderno**. 2006. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História da Ciência, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13335/1/AlexandreMendes.pdf> . Acesso em: Acesso em: 04 de fev. 2019.

OLIVEIRA, Daniel de Lara. **Ciência Moderna e Newtonianismo no Projeto Pedagógico de Luis António Verney**. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Ver%C3%B4nica%20Alves/Downloads/2011\\_DanielDeLaraOliveira\\_VRev%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Ver%C3%B4nica%20Alves/Downloads/2011_DanielDeLaraOliveira_VRev%20(2).pdf) . Acesso em: Acesso em: 04 de fev. 2019.

RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano. **Luis António Verney e o Projeto Pedagógico Modernizador do Reino Português: uma análise do Verdadeiro Método De Estudar (1746)**. 2012. 263 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/teses/2012%20-%20Vanessa%20Ruckstadter.pdf> . Acesso em: Acesso em: 04 de fev. 2019.

SILVA, Iverson Geraldo da. **O projeto anti-jesuítico**: Verney, os oratorianos e a aliança com o estado português. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 96-108, jul-dez/2013 – Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-8.pdf>. Acesso em: Acesso em: 04 de fev. 2019.

VERNEY, Luís. Antonio. **O Verdadeiro Método de Estudar**. Vol. 1 (Cartas I-IV). Lisboa: Sá da Costa, 1949.

VERNEY, Luis. Antonio. **O Verdadeiro Método de Estudar**. Vol. 2. (Cartas V-VII). Lisboa: Sá da Costa, 1950.